

Archeologia Eborensis¹

1. A igreja de S. Francisco de Evora

Ha annos discutiam-se as causas das fendas que eram notadas na fachada principal do templo do antigo convento de S. Francisco d'esta cidade; e as fendas subsistiam com desgosto de todos aquelles que admiram e amam os nossos monumentos.

O desconhecimento da verdadeira causa d'aquellas fendas, o estado de adeantada ruina do claustro e das construcções contiguas á fachada do lado Sul, faziam recear a perda, senão total, pelo menos parcial, de um edificio engenhosamente construido, e do mais elegante d'este districto.

Subiram representações aos governos a pedir providencias para a conservação d'este monumento, por vezes gemeu o prélo chamando a attenção do publico e dos governos sobre o estado de ruina do templo; elaboraram-se relatorios, e o mesmo *status in quo* subsistia.

Quando perdidas estavam as esperanças de ver-se garantida a conservação d'esse monumento do seculo XVI, apresentou-se o Sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso, benemerito habitante d'esta cidade e abastado proprietario d'este districto, a tomar sobre si o encargo de fazer á sua custa as obras que fossem necessarias para assegurar a conservação de um edificio que, alem da sua magestade, está ligado a interessantes factos da historia patria.

Um estudo ultimamente feito d'este edificio tinha dado conhecimento de que uma porta praticada durante o tempo dos frades para estabelecer a communicação da portaria do convento, pelo portico, com o claustro, porta que não pode, e nem podia, ser aberta senão obliquamente á fachada principal no sentido Noroeste a Sueste, dera logar ao córte da parte inferior do cunhal do lado Sul; d'onde deveria resultar uma rotação, embora pequena, em virtude das construcções annexas á fachada principal, no sentido Norte Sul, que era ou seria causa da disjunção da fachada, segundo duas linhas sensivelmente verticaes, e das fendas numa parte das abobadas que cobrem a sua nave central, unica que tem.

¹ [Artigos reproduzidos d-O *Diario de Evora*, 1895, n.ºs 286 e 301, onde saíram assignados com «M.», inicial de um dos appellidos do auctor. Este auctorizou a reproducção e reviu as provas. — J. L. de V.]

D'ahi nascia a necessidade da consolidação do cunhal para sustar a reproducção ou continuação da rotação iniciada.

Os frades haviam tentado essa consolidação, reforçando os botâneos existentes no prolongamento das paredes que, interceptando-se, formam o cunhal, bém como com as construcções que as necessidades conventuaes obrigaram a fazer em continuação á fachada principal sobre o claustro; mais tarde tambem a camara concorreu, embora inconscientemente, para essa consolidação, quando mandou restaurar o portico, e tapar a sua communicação com o claustro.

*

Entretanto o estado de ruina do claustro e das edificações sobre elle feitas para ampliação do convento, as transformações da cobertura do templo com o fim do aproveitamento das aguas pluviaes para a cisterna do claustro e protecção dos telhados das construcções encostadas á fachada meridional, a disjunção da fachada principal em tres partes, assim como a das abobadas contiguas a essa fachada, tornavam necessarias reparações para evitar aggravação do mal, embora parecesse afastado ou attenuado o perigo da continuação da rotação do cunhal, como parecia, segundo a tradição, mostrar a inalterabilidade das fendas desde a extincção dos frades até então.

O Sr. Dr. Barahona, tomando conhecimento do estado do templo, e estudando os meios de conseguir o seu *desideratum*, que era o da conservação d'este monumento nacional, providenciou, coadjuvado pelos seus intelligentes empregados — o mestre de obras, Olympio de Mira Coelho e o mestre alveno, José Maria da Costa — para que os trabalhos se executassem de modo que o templo tivesse garantias de duração.

Terá o Sr. Dr. Barahona conseguido o fim a que se propôs?

É de esperar que sim, em vista da reconhecida aptidão dos seus empregados, do zêlo por elles desenvolvido para responder á confiança de que gosam, e do amor, da dedicação com que o Sr. Dr. Barahona seguia os trabalhos, que ordenava, e os serviços, que mandava fazer.

Emquanto todos discutiam os meios de impedir a ruina do templo, indiciada pelas fendas da sua fachada principal, pessoa alguma pensava então que motivo mais serio havia ou haveria para despertar cuidados acêrca d'aquelle importante edificio.

A observação de comêço de esmagamento no columnello de uma das janellas do côro da capella-mór despertou a curiosidade de descobrir-se a causa de tão desastroso effeito. O Sr. Dr. Barahona, sus-

peitando que aquelle inicio de ruina poderia ser originado pela existencia da torre proxima, mandou os seus empregados, já mencionados, fazer um reconhecimento, do qual resultou a certeza de que a insufficiente base da torre dos sinos e a má distribuição do respectivo peso sobre ella era a causa principal dos effeitos notados.

D'aqui seguiu-se a construcção de uma sub-fundação da torre, que hoje afasta toda a ideia da sua queda e da destruição da capella-mór, onde ainda se conserva o cadeirado feito de empreitada por *Olivier de Gand*, no tempo de el-rei D. Manuel.

Na execução d'essa sub-fundação não se poupou o Sr. Dr. Barahona a despesas, e os dois empregados Olympio e José Maria procederam com a maior intelligencia e zêlo.

*

A construcção da sub-fundação da torre dos sinos trouxe como consequencia o arranjo da sacristia, que hoje se acha elegante, mais commoda e propria de um templo que serve de Igreja Parochial de uma freguesia como a de S. Pedro d'esta cidade.

Incansavel em beneficiar o Templo de S. Francisco, que é ao mesmo tempo o da sua parochia, o Sr. Dr. Barahona fez limpar e reparar as suas capellas lateraes, numa das quaes descansa em formoso sarcophago de cantaria um dos antigos representantes dos Cogominhos, senhores do notavel morgado da Torre dos Coelheiros, do districto de Evora; fez consertar o telhado da casa do orgão, que dizem ser do tempo dos frades, ter excellentes vozes e precisar de limpeza, cuja despesa por falta de recursos não póde a Junta de Parochia fazer.

O Sr. Dr. Barahona tenciona fazer reparar a capella denominada *dos Ossos*, mandando depois para ella trasladar a urna que encerra os restos dos tres frades franciscanos, primeiros que vieram a Portugal fundar em Evora o primeiro convento da Ordem Seraphica, segundo a tradição; e igualmente fazer arranjar uma condigna capella para a *Imagem do Senhor dos Passos*, que se venera no antigo convento de S. Francisco, tendo já concluido as coberturas das casas d'essas capellas.

No antigo claustro apenas existe agora a ala contigua ás casas do antigo Capitulo, e da vetusta *Capella dos Ossos*. Esse claustro era formado por arcadas ogivaeas com arcos de granito, sustentados por columnas geminadas de marmore branco. O Sr. Dr. Barahona tenciona tambem fazer restaurar essa ala, não só para desafôgo do

Templo, como para conservar um especime do antigo claustro, que era lindo.

Os objectos encontrados nas excavações, ou saídos das demolições, as cantarias lavradas, d'ellas resultantes, teem sido generosamente mandados depositar pelo Sr. Dr. Barahona na Bibliotheca Publica de Evora, ou cedidos ao Museu de Beja, onde os amadores de cousas antigas encontrarão novos objectos para estudos e confrontações necessarias para a historia da Arte, em Portugal.

É digno de louvores o Sr. Dr. Barahona por estes serviços tão generosamente prestados a esta cidade, e principalmente á *Arte Nacional*.

Em nome d'aquelles que amam os monumentos nacionaes, aqui exaramos sinceros agradecimentos pela restauração e conservação do magestoso *Templo de S. Francisco* d'esta cidade.

2. A cidade de Evora e os seus monumentos

No número das cidades mais importantes da Peninsula se acha incontestavelmente a cidade de Evora. O visitante que a ella vier, o viajero que atravessar os seus campos, encontrarão, por toda a parte, provas irrefutaveis da sua antiga grandeza, do quanto ella valeu e do muito que ainda vale. Numas partes verão o *dolmen*; noutras, os restos de estradas romanas, vestigios de florescentes povoações, e, além do cruzeiro solitario, o magestoso convento. No recinto outr'ora fechado pelas tres ordens de muralhas, desde a cyclopiana muralha do Povo-Rei até a muralha affonsina (D. Affonso VI), que ainda hoje limita a área da povoação, o visitante defrontará a cada passo com magnificos palacios; com magestosos templos, de singular e primorosa construcção, encimados pela Cruz, a par do templo pagão, cujos restos trazem á lembrança os bellos templos da famosa Athenas e da senhoril Roma.

Se cansado de jornadaear pelos campos, de percorrer as ruas da cidade, buscar o forasteiro repousar das fadigas, escutando a seus moradores as lendas aprendidas de seus avós, quando, nas compridas noites de inverno, assentados á lareira, aguardavam a ceia e gosavam o conforto que lhes ministrava o crepitante madeiro, ouvirá historias maravilhosas dos antigos habitantes d'este abençoado torrão, por muitas razões digno de ser amado.

Se aos monumentos, ás chronicas e aos livros o visitante perguntar noticias do que foi Evora, encontrará como resposta — *Um resumo da nossa historia patria* — e conhecerá que, quer durante a denominação

romana, quer nos tempos que lhe succederam, os seus filhos não tiveram quem os excedesse em valor, nas letras, nas artes, nas sciencias e, mui principalmente, no amor da patria.

Entretanto a tristeza não deixará de assenhorear-se do visitante á vista do abandono em que se acham a maior parte dos monumentos—documentos comprovativos da grandeza d'esta cidade—, do esquecimento e mesmo do desprezo em que estão as sepulturas dos homens que a illustraram, que honraram o nome portuguez...

De um lado se acha em completa ruina a *sala dos actos grandes* da antiga Universidade Eborense, visitada pelo duque de Gandia, o Padre (depois Santo) Francisco de Borja, que trocára a sua corôa ducal pelo barrete preto, e onde o grammatico Manuel Alvares, o pensador Luis de Molina e tantos outros fizeram ouvir as suas palavras auctorizadas em defesa de famosas theses. Noutra parte, se encontra a vetusta capella, junto ao solar dos condes de Basto,—onde os freires, predecessores dos cavalleiros d'Avis, officiam—, transformada em armazem de madeiras velhas.

Mais longe, deparar-se-ha ao visitante o templo do convento de Nossa Senhora da Graça, edificação do tempo de D. João III, com a cobertura abatida e com o mausoleu do bispo de Evora, D. Affonso,—o terceiro na serie dos bispos eborenses—, sob os seus entulhos; não muito distante d'esse logar, verá o edificio de outro convento, o de Santa Catharina, que, pelos desmoronamentos successivos, se vae transformando em montão de velhos materiaes, que esconderá, dentro de pouco tempo, a campa que tapa a sepultura da mui respeitavel D. Brites de Portugal, irmã do padroeiro d'esse convento!...

É para admirar que estejam votados ao abandono todos esses monumentos, que tenham sido profanadas, e estejam esquecidas, tantas sepulturas de pessoas illustres, quando nesta cidade ha um cabido illustrado e rico, que em tempo (1553) concorreu para os progressos dos estudos em Evora; quando ha uma camara, a que pertenceu Cicioso, que tem hoje como presidente um filho d'esta terra, que aos seus titulos nobiliarchicos busca, por serviços prestados a esta cidade, accrescentar o de benemerito, tendo já uma rua com o seu nome titular!

*

Impossivel seria a restauração dos monumentos em ruinas, e hoje quasi perdidos; bem como não seria cousa facil a trasladação dos restos de todos os varões illustres, existentes nos edificios d'esta cidade, devidos á sua muita fé e á sua muita caridade, porém hoje

abandonados, para um *Pantheon* onde com toda a decencia e respeito fossem guardados. Entretanto, facil será a conservação do que ainda nos resta de tantas preciosidades archeologicas, para o que basta um pouco de boa vontade da camara, do cabido, de nós todos, concorrendo cada um como puder para o conseguimento de tão utilitario fim.

Agora que, graças á generosidade do Sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso, a capella dos ossos do elegante e magestoso templo de S. Francisco, vae ser reparada, a fim de ser para ella trasladada a urna que encerra os restos mortaes dos tres frades franciscanos, que, segundo a tradição, fundaram aqui o primeiro convento da ordem serafica em Portugal, bem poderá essa capella servir de Pantheon para nelle serem guardados os restos mortaes das pessoas existentes nos templos abandonados e em ruinas, que prestaram serviços notaveis á Igreja e á Patria.

No numero d'estas pessoas se acham:

O bispo D. Affonso, que foi sepultado na capella-mór de Nossa Senhora da Graça, onde ainda está, sob entulhos, em rico mausoleu de finissimos marmores.

O 1.º conde de Vimioso (D. Francisco de Portugal), que foi sepultado em campa rasa na capella-mór da igreja da Graça, e que deu terreno e dinheiro para a fundação do convento de Santa Catharina, pedindo sómente lhe rezassem um Padre Nosso, na capella-mór.

D. Brites de Portugal, que era irmã do 1.º conde de Vimioso e jaz sepultada sob campa rasa no côro da igreja do arruinado convento de Santa Catharina d'esta cidade.

*

D. Affonso de Portugal (terceiro de nome na serie dos bispos de Evora, cuja igreja governou do anno de 1484 a 1522) era neto do duque de Bragança, D. Affonso I, e filho do marquês de Valença, seu primogenito.

Foi compellido por D. João II a abraçar a vida ecclesiastica, a fim de não succeder na casa de Bragança. Escreveu os livros: *De Indulgentiis* e *De Numismate*.

Sob a sua influencia se fundaram: a casa dos RR. conegos seculares de S. Eloy ou dos Loyos (1485), o convento de Santa Catharina (1490), o do Paraiso (1499), o das Senhoras Maltesas (1517), que mais tarde foram transferidas para Estremoz, e, quasi de novo, o convento de Nossa Senhora da Graça.

Morreu em 24 de Abril de 1522, e morou no palacio, junto á Sé, que pertence hoje ao abastado e illustrado lavrador José Antonio de Oliveira Soares.

Sendo secular, teve de D. Filippa de Macedo os seguintes filhos:

D. Francisco (1.º conde de Vimioso);

D. Martinho (arcebispo do Funchal);

D. Brites de Portugal, que falleceu solteira, em 1535.

*

D. Francisco de Portugal (1.º conde de Vimioso) era cognominado —o *Catão português*—. Foi poeta sentencioso, e ha d'elle o livro *Sentenças* — de que são mui falladas as redondilhas que começam:

«Que grande sensaboria
He ver mundo e conhecê-lo!
Que grande graça seria
Quanto se calla dizê-lo!»

*

D. Brites de Portugal foi proprietaria da quinta e do famoso palacio da *Sempre Noiva*, situado nas proximidades de Arrayollos, e foi a instituidora do morgado da *Sempre Noiva*, que foi confirmado por D. Manoel (em Evora, a 26 de Junho de 1520), e passou ao seu sobrinho, 2.º conde de Vimioso.

*

Em 1839, por iniciativa do muito erudito e muito prestimoso conselheiro J. H. da Cunha Rivara (natural de Arrayollos), foram trasladados para a Sé os ossos de Manuel Severim de Faria, auctor das *Notícias de Portugal*, que havia sido sepultado na Cartuxa d'esta cidade; ao mesmo tempo que tambem eram removidos de S. Domingos, convento hoje desfeito, os de André de Rêsende, constructor do Aqueducto da Agua da Prata, litterato, mestre dos filhos de D. Manuel, o mais afamado historiador de Evora, e cognominado por *Ferdinand Denis*, o distincto e erudito bibliothecario de Santa Genoveva de Paris, o *antiquario por excellencia* de Portugal.

O templo romano, denominado —Templo de Diana—, foi conservado a instancias do mallogrado Dr. Augusto Philippe Simões, pela vereação de que era presidente o Dr. Manuel de Paula da Rocha Vianna, filho de Evora.

A collecção epigraphica, hoje um pouco desprezada, legada pelo muito venerando, erudito e benemerito arcebispo de Evora D. Frei Manuel do Cenaculo, foi reunida e conservada no pavimento terreo do palacio de D. Manuel, pela camara, de que era presidente o Dr. Manuel de Paula da Rocha Vianna, a instancias do Dr. Augusto Filippe Simões, então professor e bibliothecario em Evora, de quem existem interessantes trabalhos sobre esta cidade e uma descripção d'esta collecção.

O templo de S. Francisco d'esta cidade deve a sua conservação ao Sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso.

Em vista de tão nobres exemplos é de esperar que mais alguma cousa se faça para conservação das riquezas archeologicas que esta cidade ainda possui, e para que se não perca o conhecimento dos logarçes onde descansam no seu somno eterno tantos varões que bem serviram a Deus, á Patria e ao Rei.

C. DA CAMARA MANOEL.

André de Rêsende

«Foi Resende na averiguação das cousas antigas primeiro sem segundo atégora: assi como foi tambem o primeiro que em Portugal abriu as fontes da Antiguidade. Louvor de Porcio Cato, que fez em Italia o mesmo, escrevendo a obra de suas *Origens*, de que faz menção Emilio Probo¹. E se os discipulos são honra de seu mestre, alguns insignes sahiram de sua escola, um dos quaes foi Achilles Estaço, como diz Vasconcellos²: *Ex cuius schola insignes aliquot viri prodierunt, inter quos fuit Achilles Statius*».

G. ESTAÇO, *Várias antiguid. de Port.*, 1625, cap. 44.

¹ [O A. adopta aqui provavelmente uma hypothese, que outr'ora teve voga, de que a obra que nos resta com o nome de Cornelio Nepote era de um tal Emilio Probo, pois quem nos dá esta noticia á cêrca das *Origens* de Catão é Cornelio Nepote, *Cato*, cap. III].

² [I. e., Diogo Mendes de Vasconcellos, biographo e commentador de André de Rêsende].